

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Maely Martini

**RELAÇÃO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E CRIANÇAS: JOGOS
TRADICIONAIS COMO MEDIADOR**

Porto Alegre
2015

Maely Martini

**RELAÇÃO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E CRIANÇAS: JOGOS
TRADICIONAIS COMO MEDIADOR**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Orientador(a): Prof.(a) Andrea Kruger Gonçalves

Co-orientador(a): Eliane Jost Blessmann

Porto Alegre
2015

Maely Martini

**RELAÇÃO INTERGERACIONAL ENTRE IDOSOS E CRIANÇAS: JOGOS
TRADICIONAIS COMO MEDIADOR**

Monografia apresentada à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Martha Ratenieks Roessler

Orientadora: Prof^a. Dra. Andrea Kruger Gonçalves

*Aos meus pais,
Pela educação e apoio recebidos.*

*À minha família,
que foi a base de tudo.*

*Aos meus amigos que batalharam
que trilharam esse caminho comigo*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, **Jorge e Sileide**, pelo apoio que sempre me deram, principalmente nos últimos 5 anos que estive longe, essa conquista também é de vocês. Aos meus irmãos **Mikaeli e Jônata** pelos momentos que precisava de vocês para continuar.

À professora **Andréa**, pela oportunidade de poder aprender mais e fazer parte do CELARI, pelo apoio nos momentos necessários,

À **Eliane**, que com paciência, me ajudou muitas vezes a passar por obstáculo que apareceram no meu caminho.

À todos os colegas e alunos do CELARI por todo apoio e os bons momentos juntos.

À minha amiga/irmã **Amanda**, por todos os momentos juntas, e que foram muitos. Pela paciência e companheirismos durante todos esses anos. Aos amigos, **Vit, Nátali, Fê, Paula, Gabi F, Gabi Z, Rafinha** e tantos outros que trilharam esse caminho comigo.

À professora **Martha**, pelos anos de parceria e por ter tido o prazer de trabalhar do teu lado. Pelo carinho e apoio.

Aos **anjos** que aparecem no nosso caminho nos momentos que mais precisamos, seja para nos apoiar com um abraço, um carinho ou um gesto simples que nos marca pra sempre.

OBRIGADA!

RESUMO

Nas últimas décadas, a população brasileira apresentou um aumento significativo da proporção de idosos. O aumento da expectativa de vida pode significar a possibilidade de um sentido novo à velhice, onde há maior convivência de diversas gerações, resultando em uma ampliação intergeracional. Em decorrência disso, a condição de avô/avó está assumindo uma importância crescente na sociedade atual. Os jogos tradicionais são um ponto em comum entre as gerações e evocam no idoso, lembranças de sua infância, e, na criança, o interesse e a criatividade que podem ficar adormecidos em meio às tecnologias e comodidades atuais. Reconhecendo que os mais velhos carregam conhecimentos que podem ser valiosos e transmitidos através de gerações, os jogos tradicionais poderão oportunizar que o idoso transmita essa experiência de vida. O saber a ser transmitido seria quanto as diferentes formas de brincar em diferentes épocas, onde os idosos pudessem ser agentes de uma ação educativa de preservação e transmissão da memória cultural. O objetivo desse estudo foi investigar os jogos tradicionais como possibilidade de convívio intergeracional, atuando como mediador entre crianças e pessoas idosas. O estudo se caracteriza como exploratório com abordagem qualitativa. Os sujeitos da pesquisa foram 5 idosos participantes do projeto de extensão CELARI (UFRGS) e 14 crianças do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre. Os instrumentos utilizados foram entrevista e grupo focal com os avós e somente grupo focal com os alunos da escola, e teve como objetivos específicos analisar se os sujeitos da pesquisa convivem com diferentes gerações e identificar se o brincar é presente nesse convívio. Foram realizadas entrevistas com questões abertas de acordo com um roteiro para crianças e outro para idosos. Os roteiros das entrevistas foram organizados a partir dos objetivos específicos, para estabelecimento de dimensões e indicadores. Para a análise dos resultados utilizou-se a análise de conteúdo com estabelecimento de categorias temáticas. Os resultados indicaram três categorias, sendo elas: Netos e convívio familiar, Brincadeiras e jogos tradicionais, Transmissão: memória e valorização de experiências. Os resultados encontrados foram de que há um convívio intergeracional tanto para crianças quanto para os idosos, sendo ele com seus avós e netos, respectivamente. As formas de brincar são as mais diversas, seja por jogos, brincadeiras e até com brinquedos tecnológicos. Durante a intervenção, os jogos tradicionais foi o mediador entre as duas gerações e foi verificada a transmissão e valorização da cultura e experiência dos idosos. Dessa forma, a interação entre idosos e crianças valoriza a memória e a experiência dos mais velhos, resgatando assim o conhecimento adquirido ao longo dos anos. Os jogos tradicionais revelaram-se como uma possibilidade de ponte entre as duas gerações e possibilita essa relação intergeracional entre idosos e crianças. Essa experiência permite a valorização da memória e valores dos idosos, como indivíduos ativos e transmissores de conhecimento.

Palavras-chave: intergeracionalidade; jogos tradicionais; brincar

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
2.1 O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO E A PESSOA IDOSA.....	11
2.2 CRIANÇAS E O BRINCAR.....	13
2.3 INTERGERACIONALIDADE E JOGOS TRADICIONAIS	15
3 METODOLOGIA	18
3.1 TIPO DE ESTUDO	18
3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	18
3.3 INSTRUMENTO	19
3.5 PLANO DE COLETA DE DADOS	23
3.6 ANÁLISE DOS DADOS.....	24
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	26
REFERÊNCIAS.....	32
APÊNDICE A – Grupo focal crianças.....	36
APÊNDICE B - Entrevista idosos	37
APÊNDICE C - Grupo focal crianças	38
APÊNDICE D – Grupo focal idosos.....	39
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO.....	41

1 INTRODUÇÃO

Atualmente passamos por uma transição demográfica no nosso país, onde se destaca o aumento da população idosa, segundo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2002), assim como o aumento dos anos vividos que se traduz em maior expectativa de vida. São considerados idosos aqueles que alcançam 60 anos de idade, mas não é possível caracteriza-los utilizando somente esse critério. Além disso, neste segmento estão incluídos indivíduos diferenciados entre si, tanto do ponto de vista socioeconômico como demográfico e epidemiológico (IBGE, 2002). De acordo com Drumond (2013), o aumento da expectativa de vida foi de aproximadamente 25 anos em 5 décadas e esse resultado está associado à melhoria da qualidade de vida e saúde dessa população.

Na outra ponta geracional estão as crianças que são definidas como todo o ser humano com menos de dezoito anos, exceto se a lei nacional confere a maioridade mais cedo (UNICEF, 2004). Segundo o IBGE (2010), embora a população brasileira esteja envelhecendo, com redução dos segmentos etários mais novos, o Brasil ainda deve ser considerado um país essencialmente jovem. As famílias, no censo de 2010, tinham pelo menos um membro na faixa etária de 0 a 24 anos, sendo que aproximadamente 22% destas (13,4 milhões) estavam no primeiro ciclo familiar.

A infância vem sendo estudada por grandes áreas dentro das mais diferentes temáticas como a violência, os direitos, os comportamentos, o brincar, o protagonismo, o rendimento físico e escolar. Segundo Muller (2007) atualmente as crianças vivem uma institucionalização em sua vida diária, concentradas por atividades formais, no contexto escolar, e não formais, em atividades programadas fora da escola (entidades que promovem oficinas). Sendo assim cabe nos perguntar onde e com quem as crianças vão aprender e brincar? De alguma forma as crianças brincam, mas a qualidade destas experiências é absolutamente diferente em função do seu contexto, do seu conteúdo, da forma, na relação dos adultos e na relação entre as crianças. Nessa perspectiva, a escola e principalmente as aulas de educação física, tem importante papel como potencializador dessas experiências.

O brincar faz parte da infância e permite um repertório de desenvolvimentos, seja ele no domínio cognitivo, quanto no motor, social, biológico e afetivo. Brincando

as crianças encontram prazer e satisfação, além de se socializar e aprender, expressando sua realidade através da imaginação. O lúdico faz parte do mundo infantil através dos jogos e brinquedos, intervalando a realidade e o faz de conta. Portanto, o olhar sobre o lúdico não deve ser visto apenas como diversão, mas sim, de grande importância no processo de ensino-aprendizagem na fase da infância (MALAQUIAS, 2013).

De alguma forma, a criança acaba brincando, mesmo que com tempo e espaços restritos, mas a parte que cabe a transmissão de cultura lúdica que devia passar de adulto para criança está praticamente desaparecida pela falta de convivência dos avós, pais e mães com os seus filhos e netos. ,Uma das formas de aprender a brincar se dá na relação com o outro. Segundo Pontes (2003), quando a transmissão ocorre dos pais para a criança, ela é denominada de vertical; quando é realizada entre membros da mesma geração denomina-se de horizontal, e oblíqua quando se dá entre não-parentes de gerações diferentes. Portanto, é importante valorizar a história e a cultura das brincadeiras das gerações anteriores pode vir a ser uma forma de apresentar as crianças de hoje um conhecimento que lhe proporcionará o desenvolvimento físico, social e corporal através do brincar, promovendo assim uma reflexão sobre o papel do idoso e o que ele pode contribuir para as novas gerações.

A relação do idoso com a criança é denominada de intergeracional, esse termo é empregado para citar as relações que ocorrem entre indivíduos pertencentes a diferentes grupos etários, não se limitando ao âmbito familiar, mas abrangendo todo o campo social (NERI, 2005). Este convívio intergeracional, segundo Ferrigno (2003), é importante na medida em que flexibiliza as relações, valores e comportamentos, bem como diminui o preconceito etário. Acredita-se que os idosos têm muito a dizer através da sua oralidade, façam eles parte ou não da nossa convivência diária. Sabendo que é preciso, desde crianças, absorver conhecimentos da cultura para construir sua própria identidade e para que possamos reconhecer pertencentes a uma família. Sendo assim, os idosos despontam como agentes fundamentais para a transmissão do modo de ser e de agir, peculiares de uma determinada cultura (ANDRADE, s.d.)

Os jogos tradicionais são uma das possibilidades para a relação entre criança e idoso e podem ser definidos como atividades lúdicas, recreativas e culturais

praticadas por crianças, jovens e adultos, as quais são mantidas ao longo de gerações pela oralidade, observação e imitação (BRAGADA, 2002). São aqueles jogos que nossos pais e avós brincaram na infância, e que nos transmitiram. Jogos que não foram tirados de livros nem ensinados por um professor, mas sim transmitidos pelas gerações anteriores à nossa ou aprendidos com nossos colegas. Friedmann (1990) indica que são jogos que aconteciam na rua, no parque, na praça, dentro de casa ou no recreio da escola.

Este estudo justifica-se pelo fato do reconhecimento que os idosos carregam conhecimentos que podem ser valiosos e transmitidos através de gerações, sendo que os jogos tradicionais podem possibilitar ao idoso a transmissão de seu conhecimento resultante da sua experiência de vida. O conhecimento a ser transmitido nesse caso é quanto as diferentes formas de brincar em diferentes épocas, pretendendo contribuir para a adoção de novas posturas em relação à velhice. O objetivo desse estudo é investigar os jogos tradicionais como possibilidade de convívio intergeracional, atuando como mediador entre crianças e pessoas idosas. Os objetivos específicos do trabalho são: identificar se ocorre relação intergeracional entre idosos e crianças; caracterizar a relação intergeracional quanto: pessoas envolvidas, situação e frequência; verificar a presença de brincadeiras no convívio intergeracional entre idosos e crianças; verificar o papel/importância da brincadeira como possibilidade de convívio intergeracional. Acredita-se que idosos possam ser agentes de uma ação educativa de preservação e transmissão da memória cultural.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O ENVELHECIMENTO DA POPULAÇÃO E A PESSOA IDOSA

Atualmente, uma em cada dez pessoas tem 60 anos de idade ou mais, estima-se que para 2050 a relação será de um para cinco em países em desenvolvimento e de um para três para os países desenvolvidos. O processo de transição demográfica e epidemiológica vivido nas últimas décadas vem se alterando constantemente, o Brasil hoje é considerado um país jovem, mas com acelerado crescimento da população idosa. O Brasil se encontra em avançado estágio de transição, tanto para mortalidade quanto para fertilidade, o que permite prever de maneira confiável a distribuição etária e o tamanho da população nas próximas quatro décadas. Enquanto a população de idosos com idade acima dos 65 anos aumentará em velocidade acelerada, a população jovem diminuirá. A mudança na distribuição etária da população brasileira traz oportunidades e desafios que podem levar a problemas sociais e econômicos se não forem analisados adequadamente nos anos seguintes (NASRI, 2008). Em menos de quatro décadas, o Brasil passou de um cenário de mortalidade de uma população jovem para um quadro de enfermidades complexas, típica dos países desenvolvidos, caracterizado por doenças que duram por anos, com exigência de cuidados constantes, incluindo medicação exames (VERAS, 2009).

A feminização da velhice em termos sociais é evidente sendo explicada pelos diferenciais de expectativa de vida entre os sexos. A relação entre gênero e envelhecimento baseia-se nas mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo e nos acontecimentos ligados ao ciclo de vida, onde grande parte das mulheres é viúva, vive só, não tem experiência de trabalho no mercado formal e tem nível de escolaridade menor. Nas décadas de 1930 até 1950, o ensino fundamental ainda era limitado a frações sociais específicos, refletindo assim, na baixa média de escolaridade dessa população (IBGE, 2002).

Nos países em desenvolvimento, os idosos vivem normalmente com seus filhos e netos, onde eles viveriam e seriam cuidados nos lares de seus filhos ou netos, enquanto nos países desenvolvidos a prevalência é de idosos que moram sozinhos ou com cônjuge, preferindo envelhecer em sua própria casa. A relação de pais e

filhos continuam fortes na velhice, mas por conta das tendências globais em formar família, suas famílias acabam sendo menores do que nas gerações anteriores. Essas famílias menores resultam em menos cuidadores para ajudar pais idosos debilitados (KINSELA; PHILLIPS, 2005).

Os fatos direcionam para mudanças imediatas no cuidado com a população idosa. No país, os empenhos ainda são pontuais e desarticulados. Embora, de acordo com o Ministério da Saúde, a saúde do idoso seja prioridade no Brasil, e tem como objetivo, garantir prevenção integral da saúde da população idosa, destacando o envelhecimento saudável e ativo, fundamentada no modelo da capacidade funcional, abordada de maneira multidimensional (VERAS, 2009). Em âmbito mundial, a Organização Mundial de Saúde no ano de 2005 lançou a política do Envelhecimento Ativo, que busca dar subsídios para a discussão e formulação de planos de ação que promovam um envelhecimento saudável e ativo. O envelhecimento ativo se caracteriza, segundo (OMS, 2005, p. 13) como:

O processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas [...] O objetivo do envelhecimento ativo é aumentar a expectativa de uma vida saudável e a qualidade de vida para todas as pessoas que estão envelhecendo, inclusive as que são frágeis, fisicamente incapacitadas e que requerem cuidados, aplicando-se a indivíduos quanto a grupos populacionais.

Deponti e Acosta (2010) consideram que para alcançar um envelhecimento saudável é necessário um equilíbrio ou uma combinação de diversos fatores, sejam de ordem biológica, psicológica ou social. De acordo com Silva *et al.* (2007), para obter um envelhecimento com qualidade, é imprescindível que se tenha uma vida ativa, participativa, produtiva, seja ela junto da família ou da sociedade. Portanto, é importante que o idoso desperte a curiosidade de buscar novos conhecimentos para aperfeiçoá-los e prolongar seu autocuidado, resultando assim em um envelhecimento ativo. A adoção de estilos de vida saudáveis e a participação ativa no cuidado da sua saúde são importantes em todas as fases da vida, mas, além disso, há outros fatores que são determinantes como apoio social, educação, aprendizagem permanente, paz, entre outros (OMS, 2005).

Os adultos, ao envelhecer, identificam seus níveis de apoio social através das pessoas que eles convivem, aproximam-se das pessoas que podem ajudá-los e se

afastam daqueles que não lhes dão apoio. A maioria dos idosos tem um grupo que é mais próximo e estável, formado pelos membros da família ou amigos mais chegados, com os quais eles podem contar, afetando assim, diretamente no seu bem estar (PAPALIA, 2013). Atualmente, de acordo com França (2010), em decorrência da modificação na estrutura da rede familiar, muitas famílias foram obrigadas a residirem próximas ao local de trabalho, afastando-se muitas vezes dos familiares de outras gerações. Conseqüentemente, a falta de oportunidades de convívio com os avós (avôs) provocou o afastamento afetivo e um sentimento de estranheza e de desconhecimento frente ao envelhecimento e aos idosos, que pode levar à formação de estereótipos e preconceitos. Portanto, se faz necessário e é de extrema importância pensar em programas e propostas que atendam duas ou mais gerações simultaneamente.

2.2 CRIANÇAS E O BRINCAR

O desenvolvimento humano é um processo que ocorre em uma rede de relações sociais, em contato com as pessoas que fazem parte do seu contexto, sejam elas crianças, adolescentes e adultos. O desenvolvimento das habilidades, principalmente as sociais, ocorre de forma mais intensa nas crianças e está relacionada com o contexto social que está inserido, formando assim sua identidade, apropriando-se de valores, normas e costumes, fazendo assim sua inclusão no mundo (CARVALHO, 2002). O desenvolvimento decorre da interação de uma aprendizagem natural, o que acontece por meio da experiência adquirida no ambiente. Contudo, é importante lembrar que cada criança tem características individuais e ritmo próprio, mesmo que passem pelas mesmas fases do desenvolvimento humano. Brincando de diversas formas, entre elas, sozinha, com outras crianças ou pessoas, ela organiza conceitos e vai integrando com seu mundo e com a realidade vivida. A base para o bom desenvolvimento permanece sendo a família, mesmo que essa atravesse por intensas reformulações conceituais e de valores na sociedade. O ideal é que a criança conviva os primeiros anos com seus pais no lar, mas a condição sócio-econômica tem feito com que deixem muito cedo suas casas para ficarem em creches ou escolas, enquanto seus pais trabalham (GUSSO, 2005).

O brincar contribui para todos os campos do desenvolvimento, é por meio dele que as crianças estimulam os sentidos, exercitam os músculos, obtêm o domínio de seu corpo, tomam decisões e adquirem novas habilidades. Crianças de diferentes idades brincam de diferentes formas, com coisas diferentes e em tempos diferentes. As brincadeiras começam na primeira infância, dos zero aos três anos, e à medida que as habilidades motoras grossas se aperfeiçoam, as crianças exercitam seus músculos correndo, pulando, arremessando, entre outros (PAPALIA, 2013). Ramos (2002) destaca que no período entre 2 e 7 anos, aproximadamente, destacam-se três características marcantes: egocentrismo, centralização e animismo, as quais definem o comportamento. A primeira característica é representada quando todo o interesse é voltado para a própria criança, na segunda deseja ser o centro das atenções e na terceira prevalece a ideia de dar vida às coisas inanimadas. Nessa fase, o brincar é umas das ações imprescindíveis à saúde física, emocional e intelectual de uma criança, desenvolvendo a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa e a auto-estima.

As crianças em fase escolar passam mais tempo fora de casa, principalmente na escola do que com a família, mesmo assim o lar não perde sua importância para a maioria delas. Para compreender a criança na família é precisamos analisar o contexto que está inserida, podendo variar de acordo com a estrutura e a atmosfera, onde o trabalho e o nível econômico dos pais, além de tendências sociais, estrutura da família, entre outros, ajudam a formar o ambiente familiar e o desenvolvimento (PAPALIA, 2013). Contudo, Muller (2007) indica que as crianças passam pouco tempo com sua família, com isso a parte de transmissão de cultura lúdica que devia passar de adulto para criança está desaparecendo pela falta de convivência dos pais e mães com os seus filhos e, por outro lado, porque os locais que as crianças mais frequentam, como as escolas, não potencializam o mundo da brincadeira, dos jogos e dos brinquedos.

Em casa, na creche, na educação infantil ou no ensino fundamental, é simples observar que os jogos surgem espontaneamente na criança, precisando ser respeitados e incentivados. Deste modo, é importante que o adulto compreenda a intenção dos jogos, que vai muito além do prazer, propiciando a solidificação dos esquemas e estruturas e o desenvolvimento da criança. Depois dessa organização, a criança começa a construir uma representação mental dos objetos e das

situações, passa a imitar, brinca de faz- de - conta, começa a falar e a desenhar (ZAIA, 2008). Atualmente tem se percebido uma mudança na cultura lúdica da criança devido à chegada de novos brinquedos, como os jogos eletrônicos e o videogame. Ela está sendo condicionada para o domínio de objetos. Brincadeiras que são desenvolvidas nas ruas em coletividade, praticadas por adultos e crianças e geralmente, transmitidas de geração para geração, estão sendo substituídas ou deixadas de lado (RODRIGUES, 2009).

2.3 INTERGERACIONALIDADE E JOGOS TRADICIONAIS

O que se observa é que, atualmente, há maior convivência de diversas gerações, que é definido como conjunto de pessoas da mesma época ou, no sentido mais sociológico *geração*, indica um coletivo de indivíduos que vivem em determinada época ou tempo social, têm aproximadamente a mesma idade e compartilham alguma forma de experiência ou vivência, ou têm a potencialidade para tal (MOTTA, 2010). Para Junior (2005) significa compartilhar representações sociais comuns referentes às fases históricas que cada pessoa passa, a partir de um conjunto de ideias e valores resultantes dos conflitos gerados em um determinado contexto. Essa convivência ocorre entre diferentes grupos etários, podendo conviver até quatro gerações. Em decorrência disso, a condição de avô/avó e seus respectivos papéis estão assumindo uma importância crescente na sociedade. (HARPER, 2006).

O aumento da expectativa de vida associado às mudanças familiares, convívio sem casamento formal e o crescente número de famílias monoparentais, modificaram os velhos conceitos de família. Um sexagenário, atualmente, desempenha funções de chefia dentro de algumas famílias, trabalha de 8 a 12 horas e, ainda, prolonga como avó o papel do pai ausente. Cada dia é mais frequente os avós viverem na mesma casa com os netos, em um envolvimento trigeracional, tendo nesse ambiente responsabilidade na educação e cuidados dos netos, podendo, em certos casos, não haver essas responsabilidades, mas o avô ou avó vê com frequência o neto ou neta, decorrendo desse envolvimento um vínculo muito forte. A relação das crianças com os avós é uma relação especial, pois algumas

crianças têm relações mais tensas com seus pais e se sentem pressionadas em se adequar as expectativas deles (PEDRO, 2006).

A participação ativa na sociedade, no desenvolvimento e solidariedade intergeracional são orientações do Plano de Ação Internacional para o Envelhecimento (2002). Um dos objetivos do Plano é a plena utilização das possibilidades e dos conhecimentos de pessoas de todas as idades, reconhecendo os benefícios frutos de uma experiência adquirida com a idade. Dentre as medidas sugeridas destacamos o aproveitamento do potencial e dos conhecimentos de idosos em matéria social, cultural e educativa.

Cada geração tem interesses próprios, que depende das vontades individuais, e das influências políticas, econômicas, sociais e culturais, e por essa variedade é que surge a necessidade de transmitir e adquirir novos saberes, a partir das semelhanças e diferenças de cada geração. A intergeracionalidade é um facilitador na transmissão de valores, possibilitando a troca de conhecimentos no momento de encontro entre ambas as gerações (CARVALHO, 2012). Diante disso, a escola surge como um contexto favorável para a transmissão e mudança de valores, construindo novos significados e sentido nessas relações intergeracionais. (MARANGONI, 2007). Sendo assim, incluir o mais velho no espaço escolar torna-se importante, sua inserção é fundamental para a diminuição do preconceito em relação ao mais velho, uma vez que o convívio entre gerações permitirá a construção de um ambiente propício a aprendizagens recíprocas. A educação deve estar envolvida com ações que permitam a concretização de uma sociedade mais justa para todos, sendo um importante meio de promoção de práticas educativas, em promover ideais de igualdade e respeito mútuo, onde o idoso não será mais visto como empecilho social, mais sim como capaz de contribuir para a construção dessa sociedade (ANDRADE, s.d.).

Dentre as mais variadas propostas escolares que privilegiem as relações intergeracionais cabe destacar as quais passam de geração em geração. Além dos valores e costumes, a forma com que os idosos brincavam quando eram crianças passa a ser um aspecto importante a ser trabalhado. Os jogos tradicionais são uma possibilidade e são considerados importantes para o desenvolvimento integral das crianças, potencializando a ampliação de várias competências psicomotoras, como: integração em grupo, orientação espacial, sentido rítmico, enriquecimento da

linguagem, formação da personalidade, entre outras (BRAGADA, 2002). Esse tipo de jogo ilustra a cultura local e o seu resgate é importante para o patrimônio lúdico (FRIEDMANN, 1990). Segundo essa última autora, esse jogo, além de ser memória do passado de alguém, como nossos avós, é também presente no dia a dia dos mesmos, em comparação aos jogos infantis do começo do século, apresentam grandes diferenças. A televisão e a tecnologia dos brinquedos modernos associados à falta de espaço e de segurança nas ruas acabam modificaram algumas brincadeiras. Sendo assim, é papel do professor despertar as crianças para a comunicação e a criatividade através do aprendizado dos jogos tradicionais que para muitos são novos.

Para as crianças de hoje, que nasceram em uma época em que a tecnologia predomina em todas as áreas, inclusive em brinquedos modernos, fica difícil imaginar que antigamente, para brincar, era necessário construir seus próprios brinquedos. Portanto, o brinquedo passa a ser um ponto em comum entre as duas gerações; ele evoca, no idoso, lembranças de sua infância, e, na criança, desperta o interesse e a criatividade que podem ficar adormecidos em meio a tanta tecnologia e comodidade. O brinquedo passado de uma geração a outra é a possibilidade de transmissão de um saber prático, transmissão perceptível e esperada. Quando se fala que na sociedade atual convivem até quatro gerações não significa que há proximidade entre elas, porque como lembrou Ferrigno (2009), há uma compartimentalização de espaços sociais para cada faixa etária, e suas raízes estão nos séculos XVII e XVIII com a escolarização das crianças, ou seja, com a institucionalização da escola. Portanto, a integração das gerações deve se dar em condições adequadas para poder contribuir na superação do preconceito etário. Em se tratando de crianças, os jogos tradicionais se apresentam como uma condição facilitadora para a relação intergeracional.

3 METODOLOGIA

3.1 TIPO DE ESTUDO

O estudo se caracteriza como exploratório com uma abordagem qualitativa. Segundo Selltiz *et al.* (1965), na categoria dos estudos exploratórios enquadram-se os estudos que buscam descobrir ideias e intuições, na tentativa de adquirir maior familiaridade com o fenômeno pesquisado. Esses estudos possibilitam o aumento do conhecimento do pesquisador sobre os fatos, permitindo a elaboração mais precisa de problemas, criando novas hipóteses e realizando novas pesquisas que sejam mais estruturadas.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Os sujeitos da pesquisa foram cinco idosos participantes do programa de extensão universitária Centro de Estudos de Lazer e Atividade Física do Idoso/CELARI da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e quatorze crianças do 2º ano do ensino fundamental de uma escola pública de Porto Alegre.

O projeto CELARI atende pessoas com mais de 60 anos, com ênfase no envelhecimento ativo e, é vinculado ao curso de Educação Física da UFRGS, estando localizado no Campus Olímpico no bairro Jardim Botânico de Porto Alegre. São oferecidas diversas atividades em forma de oficinas e as aulas são ministradas por acadêmicos dos cursos de Educação Física, sob a supervisão de duas coordenadoras do projeto – uma professora do curso de Educação Física e uma assistente social. As oficinas são voltadas à atividade física regular, mas também ocorrem atividades de cunho social, as quais visam a integração e socialização de todos os participantes do projeto, como oficinas culturais, teatros, passeios e rodas de conversa.

Os cinco idosos foram escolhidos para a amostra por já terem experiência anterior com oficinas de brinquedos. Uma das experiências desse grupo foi o Festival Maré da Arte, o qual é um evento de arte e cultura promovido pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS anualmente em municípios do Litoral Norte, visando a divulgação de manifestações artísticas e culturais locais e da própria

Universidade. No festival, os idosos ofereceram uma oficina de brinquedos de sucata. A segunda experiência foi numa oficina de brinquedos ocorrida no evento do Dia das Crianças da UFRGS, promovida pela mesma pró-reitoria, no ano de 2015, no Campus Olímpico.

O espaço educativo onde se sucedeu a coleta de dados trata-se de uma escola da rede pública estadual, situada no município de Porto Alegre, a escolha da escola foi por acessibilidade, pois é próxima ao Centro Olímpico da UFRGS, facilitando o acesso dos idosos. O critério usado para a escolha das crianças foi em relação à idade, visto que nessa idade a brincadeira é muito presente na vida deles. Em razão de o estudo ser qualitativo definiu-se que a amostra seria de uma turma, tendo sido selecionada por conveniência ao tipo de instrumento. A escolha da turma ocorreu por dois motivos: primeiro a partir do 2º ano os alunos já estão alfabetizados, melhorando a expressão das ideias, segundo porque o brincar é ainda uma ação predominante no dia-a-dia nesse período.

3.3 INSTRUMENTO

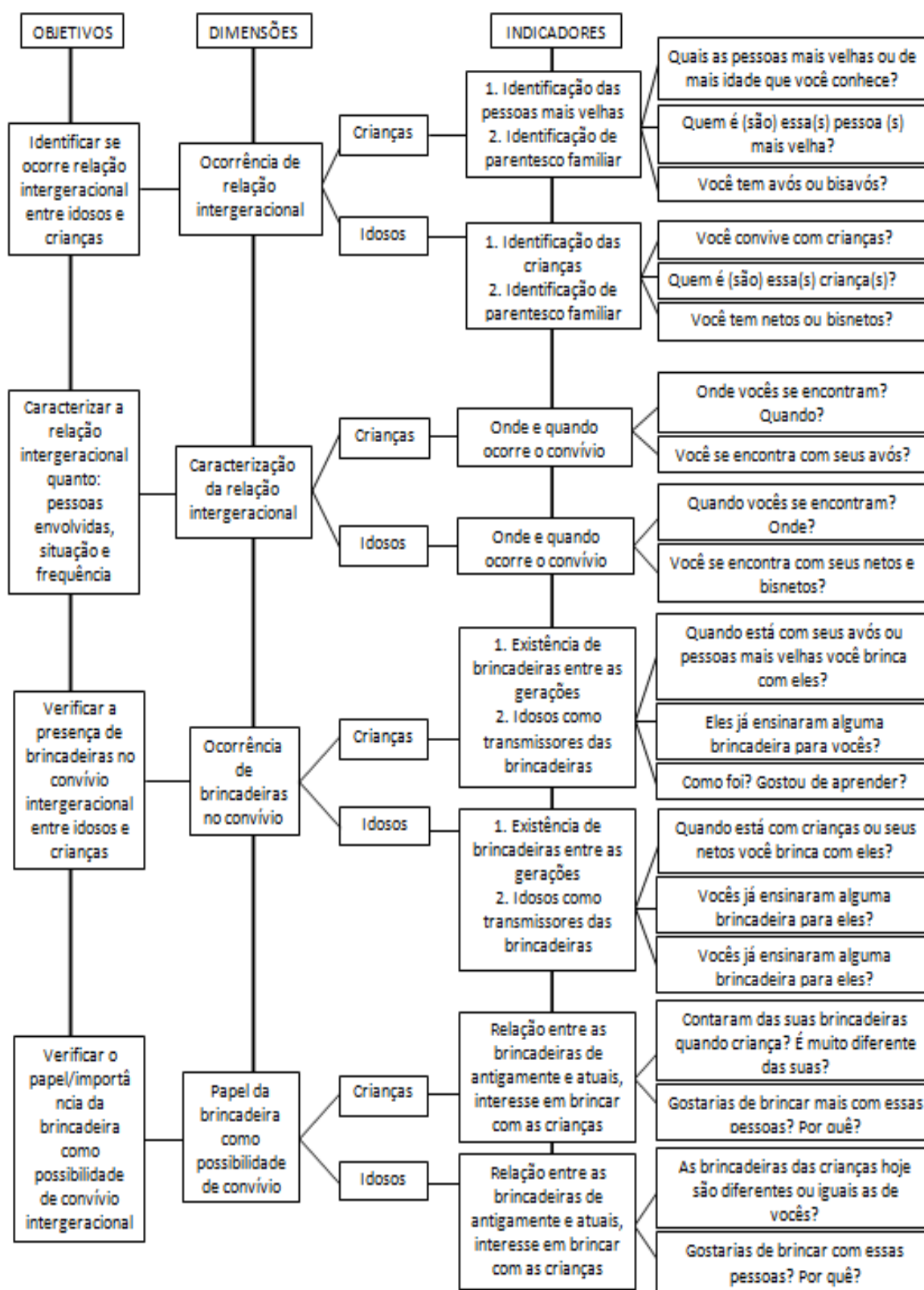
No estudo foram utilizados dois instrumentos: entrevista e grupo focal. Para os idosos, utilizou-se entrevista (Apêndice B) antes da intervenção e grupo focal (Apêndice D) após a intervenção. Com as crianças, foi aplicado grupo focal antes (Apêndice A) da intervenção e após (Apêndice C) a intervenção. O roteiro de perguntas dos instrumentos, antes da intervenção, foi semelhante para os dois grupos e estão organizados no organograma 1, já o organograma 2 apresenta os instrumentos aplicados após a intervenção.

Quanto aos instrumentos destaca-se que entrevista tem por objetivo obter informações mais detalhadas, por meio de conversação guiada, que possam ser utilizadas pelo pesquisador em uma análise qualitativa (RICHARDSON, 2008). Neste estudo, foi desenvolvido um roteiro com questões abertas de acordo com os objetivos do estudo, sendo um roteiro para crianças e outro para idosos. Por sua vez, o grupo focal é um grupo de discussão informal e pequeno (de 7 a 10 pessoas), com o objetivo de obter informações de caráter qualitativo, tendo por finalidade revelar as percepções dos participantes sobre assuntos em discussão (GOMES, 1999). Optou-se pela entrevista com idosos, antes da intervenção, por possibilitar

uma maior liberdade na expressão de opiniões sem interferência de outras pessoas (como ocorre no grupo focal), já para as crianças acreditou-se que esse segundo modelo de instrumento possibilitaria resultados mais interessantes e auxiliaria a participação. No grupo focal, pós intervenção para idosos, já se pretendia uma interlocução entre os participantes, por isso essa opção.

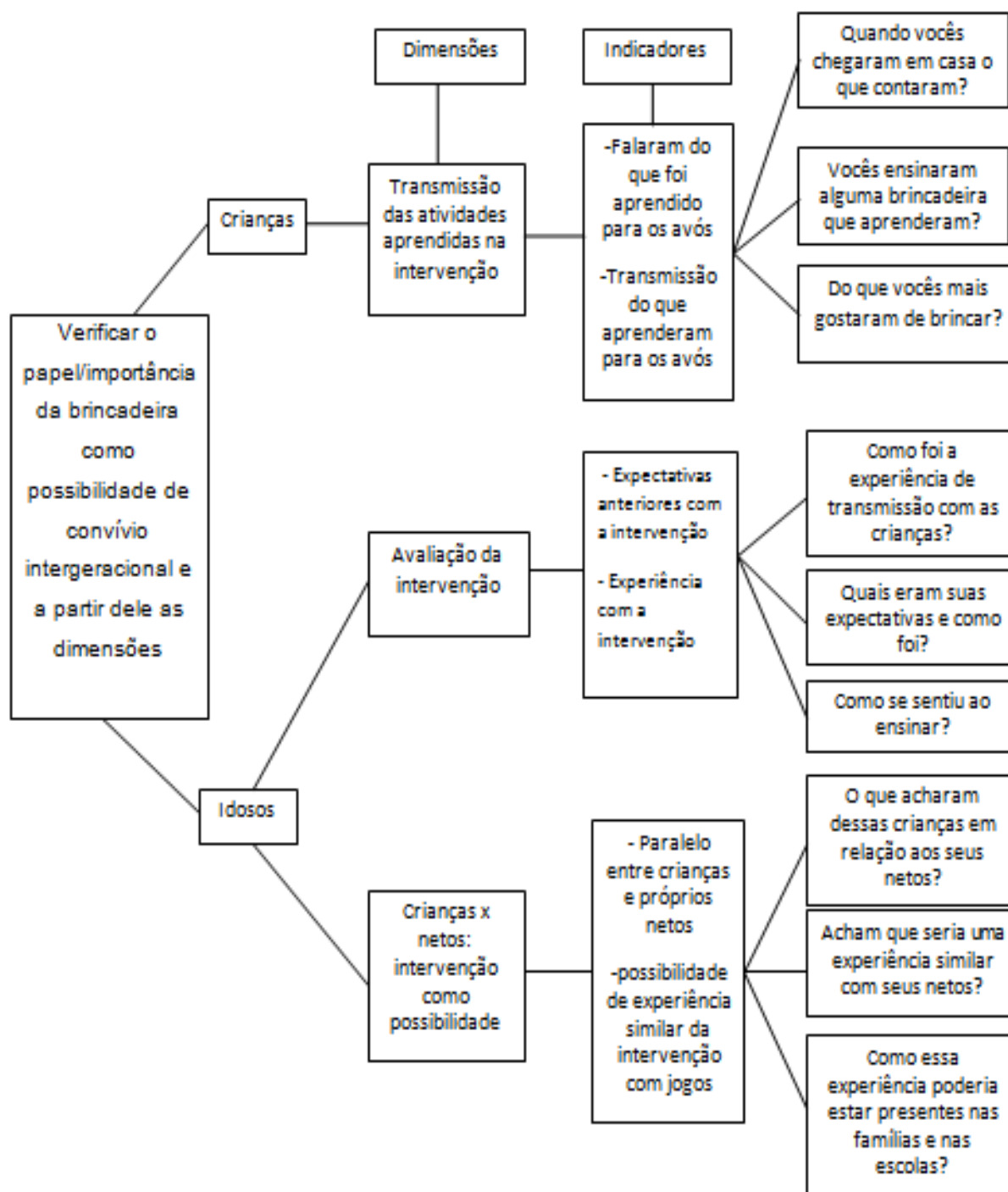
A partir dos objetivos específicos foram desenvolvidas dimensões para delinear os indicadores e responder aos objetivos específicos. Essa alternativa metodológica é indicada por Santos e Gheller (2012), sendo explicada como uma matriz de análise para que se definam dimensões a serem controladas em cada objetivo específico, assim como os indicadores adequados para cada dimensão. Foram organizados dois organogramas: antes e pós-intervenção.

Organograma 1 – Roteiro pré-intervenção



Fonte: Autora

Organograma 2 – Roteiro pós-intervenção



Fonte: Autora

3.5 PLANO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados foi organizada a partir dos dois grupos do estudo: idosos e crianças.

O plano foi estabelecido com os idosos em momentos distintos. Primeiramente foi conversado com as coordenadoras do projeto, para saber se era viável realizar o trabalho com o grupo de idosos do CELARI. O convite para os idosos participarem da pesquisa foi realizado durante a oficina cultural do projeto. Dos participantes da oficina, que já haviam participado dos dois eventos mencionados nos critérios da amostra, cinco se propuseram a participar da pesquisa. Em outro dia, os idosos foram reunidos para escolher as atividades que seriam desenvolvidas na intervenção e após foram realizadas as entrevistas individualmente, as quais foram gravadas para serem transcritas. Na intervenção (aplicada a seguir) cada idoso estava responsável por um jogo, no dia seguinte, foi realizado grupo focal para avaliar essa experiência.

O plano de coleta de dados com as crianças ocorreu primeiramente pelo contato com a direção do colégio para verificar a possibilidade de desenvolvimento da pesquisa com uma turma. A direção foi receptiva e indicou uma turma, sendo que foi acertado com a professora os detalhes do estudo. Com as crianças, foi desenvolvido o grupo focal com as 14 crianças da turma, logo a seguir foi realizada a intervenção com os idosos. No dia seguinte, foi realizado o segundo grupo focal com o mesmo intuito do que ocorreu com os idosos.

Na intervenção foram propostos quatro jogos tradicionais/brincadeiras para serem transmitidos. Cada idoso ficou responsável por uma atividade e as crianças tinham liberdade para escolher aquela que fosse mais interessante. Os jogos foram escolhidos pelos idosos de acordo com suas experiências:

1. Bolinha de gude
Os participantes desenham um triângulo no chão. Cada jogador coloca o mesmo número de bolinhas em qualquer lugar do círculo, reservando uma para ser a atiradora. Alternadamente cada jogador tentará acertar uma bolinha adversária de modo que ela saia da área marcada. Para isso lançará a sua atiradora, também do lado de fora do triângulo, com a ajuda do polegar. A bola lançada não poderá ficar dentro da área, senão o jogador perde a vez.
2. Escravos de Jó
Os jogadores sentam em círculo, cada um com uma pedrinha ou outro objeto pequeno, que será passado de um integrante para o outro em uma coreografia de vai e vem seguindo o ritmo da música “Escravos de Jó”: Escravos de Jó jogavam caxangá (os

jogadores vão passando as pedras um para o outro do lado direito, de forma que cada jogador fique sempre com uma pedrinha só) Tira, (cada um levanta a pedra que está em suas mãos) põe, (colocam a pedra de novo no chão) deixa ficar (apontam com o dedo para a pedra no chão) Guerreiros com guerreiros (voltam a passar a pedra para a direita) fazem zigue, (colocam a pedra na frente do jogador à direita, mas não soltam) zigue, (colocam a pedra à frente do jogador à esquerda, mas não soltam) zã (colocam a pedra à frente do jogador à direita novamente)

3. Estátua

Um dos participantes, escolhido para ser o líder, coloca uma música. Enquanto a música toca os jogadores dançam livremente, mas quando o líder disser: “Estátua!”, a música para e todos os participantes devem congelar e manter a mesma pose sem mexer. A última estátua a permanecer de pé será a vencedora.

4. Mamãe posso ir?

Trace duas linhas no chão com uma distância de pelo menos 5 metros entre elas. Quem for escolhido para ser a ‘mamãe’ ou o ‘papai’ fica à frente de uma das linhas, de costas para o resto do grupo. Os outros participantes ficam enfileirados lado a lado sobre a linha oposta. Um a um, eles tentam chegar até a ‘mamãe’ recitando o seguinte diálogo: - “Mamãe, posso ir?” - pergunta o jogador. - “Pode” - a ‘mamãe’ responde. - “Quantos passos?” - pergunta o jogador. A ‘mamãe’ escolhe o número e o tipo de passo que o participante deve andar. Por exemplo: - “Dois, de passarinho” O jogador dá dois passos pequeninos para frente. Se forem passos de cachorro, o jogador anda de quatro. Se forem passos de elefante, o jogador dá passos grandes. Vence quem chegar primeiro até a mamãe.

3.6 ANÁLISE DOS DADOS

A metodologia foi a análise conteúdo proposta por Bardin (2011), tendo sido adotada para os dois instrumentos (entrevista e grupo focal). A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visa obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitem a inferência de conhecimentos relacionados às condições de produção e/ou recepção destas mensagens. Diante dos dados coletados, é necessário, portanto, usar um processo de seleção, focalização, simplificação e sumarização, separando os dados em blocos com conteúdo semelhante: as categorias. A análise de conteúdo possui três fases: a) a pré-análise composta por leitura flutuante, escolha dos documentos, formação das hipóteses e objetivos, análise documental, referenciação dos índices e a elaboração dos indicadores; b) a exploração do material e c) o tratamento dos resultados, a inferência e interpretação. A categorização é o agrupamento em razão de caracteres comuns dos elementos (unidade de registro) sob o título geral, sendo que o tema foi escolhido como a unidade de categoria.

3.7 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Os sujeitos (idosos, crianças e responsáveis) assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o qual explica os objetivos e os métodos da pesquisa, informando o caráter voluntário da participação e o respeito à confidencialidade dos dados individuais dos participantes (Apêndice E).

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise dos resultados indicou três categorias, as quais foram reveladas a partir dos instrumentos do estudo, sendo as mesmas para os idosos e crianças e originárias das entrevistas e dos grupos focais: netos e convívio familiar, brincadeiras e jogos tradicionais, transmissão: memória e valorização de experiências. As categorias não foram específicas para idosos e crianças, assim como para os instrumentos, porém na apresentação se identificam esses dois grupos para possibilitar a identificação dos temas.

A primeira categoria foi '**Netos e convívio familiar**'. Para os idosos, podemos verificar que ocorre um convívio intergeracional entre os idosos e seus netos, sendo que todos relataram que convivem com essas crianças. O convívio ocorre na casa dos idosos (avós) ou na casa de seus filhos, e na maioria dos casos não é um convívio diário, como relata o IDOSO 1 “ *Nos encontramos na casa dela ou na minha casa, todas as semanas e sexta feira é dia de buscar ela no colégio, almoçamos com ela para poder ter esse convívio.*” e IDOSO 2 “ *As crianças eu encontro, os meus netos na casa deles ou então lá em casa, porque lá em casa a folia é maior, lá eles ficam a vontade e a gente brinca de várias coisas, então, passo o tempo todo brincando com eles.*” A convivência aqui está mais relacionada ao lazer, ao tempo livre para passar com os netos e poder brincar com eles. Segundo Andrade (2008), os avós não serão substitutos dos pais, mas se complementarão, fazendo o papel do irmão mais velho no brinquedo, no estudo, que com sua experiência oportuniza situações que ajudam o neto a crescer.

Em relação às crianças, 9 dos 10 alunos convivem com seus avós e um deles mora longe. Ressaltamos, que embora a turma fosse composta por 14 crianças, quatro não se manifestaram no grupo focal. Essa convivência é diária para 7 crianças que moram com seus avós, os quais assumem o papel de cuidador. Os avós tem uma função importante no cuidado dos seus netos, podendo assumir essa responsabilidade, para que os filhos possam trabalhar, por exemplo. Isso corrobora com Rabinovich, Moreira e Franco (2012), quando indicam que, muitas vezes, os avós sucedem aos pais na importância nos papéis familiares, podendo ser observado maior interdependência emocional do que econômica/funcional com relação à criança. Segundo Ramos (2011), muitos são os fatores que podem levar

os netos a conviverem com seus avós, dentre eles está questões relacionadas a idade avançada, viuvez, perda de autonomia, onde os avós passam a residir com os seus filhos e relacionado também as questões de ajuda aos filhos, podendo ser por dificuldades financeiras, divórcios, alto custo de vida, entre outros.

A segunda categoria foi '**Brincadeiras e Jogos Tradicionais**', relacionando-se as brincadeiras e jogos tradicionais que os idosos e as crianças conhecem. Quanto aos idosos, percebe-se a presença da brincadeira quando afirmam que brincam com seus netos, isso fica nítido em uma das falas onde o IDOSO 4 diz que *"Brinca um monte, me jogo no chão, to sempre sentada no chão brincando com eles, a gente brinca de esconder, brincamos de pegar, brincamos de várias coisas, de desenhar, de montar, com meu neto principalmente, fazer lombinha para o carro passar, montar garagem, montar casinha, com minha neta também a gente brinca um monte, ou ela me penteia, ou ela, sabe coisas assim."* De acordo com os estudo de Marangoni (2007), os avós são de extrema importância para o apoio financeiro e afetivo em uma família, além de outras papéis como, aconselhar, estabelecer limites e regras, mas acabam também desempenhado o papel de brincar, "mimar", ensinar novas brincadeiras, propiciando um ambiente aconchegante e agradável.

As brincadeiras dependem muito da faixa etária, com os netos mais novos, as brincadeiras são mais simples – IDOSO 1 *"Olha, normalmente eles tem os brinquedos, minha netinha tem os brinquedos mais modernos de hoje, a pequeninha é muito pequeninha, só brinca de tapa no rosto, brinca aqui, belisca aí, mas os brinquedos, esses antigos a gente nunca teve oportunidade."* – e com os netos mais velhos os idosos tentam passar novas brincadeiras, como relata o IDOSO 4 *"O que eu posso te dizer, a gente brinca de pegar, de esconder, não deu oportunidade ainda pra fazer o catavento pra ele, que eu vou ensinar que agora eles estão maiorzinhos pra mexer em prego e antes era difícil. Então isso é uma etapa para serem feita com eles. Telefone sem fio a gente brinca até o telefone sem fio foi a minha neta que veio e o gente brinca igual."* Segundo Andrade (2008), os avós estimulam à criatividade do neto, através da transmissão de sua experiência, memória, linguagem, entre outros. Além da troca cultural, percebe-se também uma troca afetiva entre o avô e o neto que além de estimular a potencialidade intelectual de ambos, favorece a manutenção da memória, descobrindo uma presença ativa do idoso na família.

As crianças apresentam dados interessantes, sendo que é possível identificar dois tipos de manifestação: as crianças que convivem e brincam com seus avós; as

crianças que convivem, mas não brincam. As respostas evidenciam que as crianças, que encontram com seus avós com menos frequência, brincam mais e aprendem brincadeiras e atividades com eles. Já as crianças, que moram com seus avós, não relatam brincar com eles, mas relatam a ação de cuidar. Como cita o ALUNO 5, quando perguntado sobre o que fazia quando estava junto de seus avós, *“a gente fica vendo TV e cuidando do meu irmão”*. Mais uma vez percebe-se o novo papel dos idosos citados anteriormente. Nesse ponto ainda observamos um distanciamento do neto em relação aos avós, o convívio deles é mais distante, não percebemos nas respostas uma transmissão de valores, brincadeiras e experiências. O convívio entre avós e netos promove o entrelaçamento de dois tempos e muitas vezes os avós são tidos como desinteressantes. As representações negativas ou neutras que os netos tem de seus avós acabam aumentando o distanciamento entre as gerações, dificultando ainda mais a transmissão de experiências, brincadeiras, entre outros (MARANGONI, 2007). Isso fica evidente na resposta desse mesmo aluno não brinca com seus avós e, portanto, também não ensinou nenhuma atividade que aprendeu com os idosos na escola.

Nesta segunda categoria, foi encontrada uma subcategoria, pois não podemos nos referir às brincadeiras nos dias de hoje sem remeter aos brinquedos atuais encontrados prontos nas lojas e, quase sempre, mais tecnológicos. As tecnologias estão presentes nas entrevistas, no caso dos idosos, relatam que seus netos muitas vezes estão mais ligados nas tecnologias e não tem interesse em outras brincadeiras e jogos. Percebe-se pelos relatos, que os netos dos idosos possuem uma rotina estruturada, com os horários organizados, faltando às vezes, tempo para brincar e nos momentos que livres as netos optam pelos brinquedos prontos e tecnológicos. Para Schiffli (2012), os tempos atuais tornaram crianças e jovens inativos, sendo que os equipamentos eletrônicos poderão conduzir a alienação intelectual. Em sua entrevista, o IDOSO 2 relata que *“Essa menina é difícil de brincar com ela, ela tá sempre de smart (smartphone) na mão assim sabe e o ele tá maiorzinho está mais complicado, quando era pequeno era bom porque a gente jogava futebol, coisa assim e agora quando vê é pouco tempo, diminuiu muito o tempo de contato.”*

No grupo das crianças, percebemos que não têm o mesmo acesso as tecnologias e isso faz com que conheçam e brinquem mais com seus avós, de atividades variadas, como a amarelinha, jogar bola, costurar, secretária, entre outros. Em nenhum momento os brinquedos tecnológicos apareceram nas respostas

das crianças. Talvez isso ocorra diferente do que os idosos mencionaram em razão inicialmente da idade, já que isso ocorreu para os netos de mais idade. Um outro fator pode ser a questão socioeconômica porque esses idosos do Celari possuem uma condição diferente das crianças, as quais são de uma classe econômica inferior, influenciando o acesso à tecnologia.

A última categoria foi **'Transmissão: memória e valorização de experiências'**, que está relacionada com a troca de experiências nas relações entre avós e netos, tanto no contexto dos idosos, quanto nos das crianças. Essa categoria foi percebida nas respostas pré-intervenção, durante a intervenção e nas respostas pós-intervenção. No grupo dos idosos, percebe-se que há uma convivência e troca de experiências, tanto nas brincadeiras quando no dia a dia. Em um resposta o IDOSO 4, relata que as brincadeiras são transmitidas por parte dele, mas também aprende com seus netos: *"O que eu posso te dizer, a gente brinca de pegar, de esconder, não deu oportunidade ainda pra fazer o catavento pra ele, que eu vou ensinar que agora eles estão maiorzinhos pra mexer em prego antes era difícil. Então isso é uma etapa para serem feita com eles. Telefone sem fio a gente brinca, até o telefone sem fio foi a minha neta que veio e o gente brinca igual"*. Nesse convívio intergeracional, a transmissão dos saberes não é linear, é uma via de "mão dupla" em que as duas gerações possuem conhecimento que podem ser desconhecidas pela outra, sendo que essa troca possibilita vivenciar diversos modos de agir, sentir e pensar, renovando as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas com que convive (CARVALHO, 2012).

No grupo das crianças, a questão de transmissão de valores e experiências está presente em boa parte das suas falas, algumas vezes é verticalizada (vindo dos avós para o neto) e em outras é horizontal. Os alunos que relatam ter aprendido brincadeiras com seus avós, como o ALUNO 1 em sua fala: *"a minha avó me ensinou a costurar e a jogar raquete, foi ela que me ensinou fazer artesanato é um monte de coisas [...]ela me falou que brincava de cinco marias, brincava de amarelinha, ela brincava de secretária e aí eles não tinham telefone e usavam a mão e muito mais."*, são os mesmos que no grupo focal, pós-intervenção, dizem ter passado o que foi aprendido para seus avós, *"eu falei para minha avó que eu brinque de muitas coisas, eu falei pra ela que me diverti e depois ela brincou comigo do que eu brinquei. O que tu ensinou para ela? eu ensinei aquela de cinco marias, Escravos de Jó e mamãe posso ir e amarelinha"*, reforçando a ideia de Carvalho, citado anteriormente. Mesmos nos alunos que não

tem essa relação de transmissão tão forte com seus avós, foi percebido que pelo menos comentaram as atividades que haviam aprendido para seus avós.

Durante a intervenção, a troca de conhecimento, saberes e experiências estavam presente a todo o momento. Esse fato ficou evidente na atividade da bolita, pois ela pode ser jogada de diferentes formas. O idoso que propôs essa atividade ensinou da forma que ele sabia e brincava antigamente. No momento que foi ensinado a atividade, um dos alunos disse que conhecia de outra forma e também transmitiu esse conhecimento ao idoso e seus colegas. Esse é um passo muito importante na valorização das experiências, pois, segundo Carvalho (2012), as atividades intergeracionais proporcionam um espaço em que as diferentes gerações, respeitam-se, criam uma história comum, a partir das saberes de cada indivíduo; levando em consideração as diversidades e o conhecimento de cada um. Isso se aplica também a valorização da memória, onde os idosos, por terem vividos mais anos, tem mais conhecimentos e experiências para transmitir, assim como cita o sociólogo Dumazedier (1992, p. 9):

As velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc. porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva. Se elas não transmitir em esse tipo de saber, quem o fará?

Nas respostas do grupo focal dos idosos, relatando a sensação que tiveram com essa experiência, fica nítida a valorização da memória e conhecimento dos idosos, como relata o IDOSO 3 “ *a experiência foi maravilhosa, no aspecto de trocas entre eu e as crianças, entre a geração nova e a geração antiga. Eu sempre tive esperança e quase certeza que eles iriam receber com muito bom gosto as nossas brincadeiras e assim foi. Para mim recordar é viver, e nesse momento eu recordei as brincadeiras. Essa experiência nos renova, nos faz perceber que ainda podemos ajudar em alguma coisa, mesmo que sendo mínima, brincando.*” Essa fala deixa evidente que os idosos se sentiram valorizados naquele contexto, além de perceberem que podem contribuir e muito com as demais gerações. Dessa forma, o idoso na condição de quem ensina demonstrou que ainda tem muito a oferecer para contribuir na formação cultural da criança. Esse fato corrobora com Castro (2001) quando afirma que os velhos precisam de espaço para falar e se expressar para que se torne possível uma nova visão do que ele é, fugindo do estereótipo imposto pela sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com bases nos resultados, observamos que as relações intergeracionais podem estar em diversos espaços, bem como se apresentar das mais variadas formas. O trabalho tinha por objetivo investigar os jogos tradicionais como possibilidade de convívio intergeracional, atuando como mediador entre crianças e pessoas idosas. Os resultados indicaram três categorias, na primeira 'netos e convívio familiar' podemos verificar que ocorre convívio intergeracional nos dois grupos: idosos do Celari e seus netos, crianças e seus avós. A segunda categoria foi 'brincadeiras e jogos tradicionais', a qual indicou que brincadeiras e jogos tradicionais estão presentes no convívio intergeracional. E, por fim, a 'transmissão: memória e valorização de experiências', mostrando que o convívio se mostrou como algo presente nas falas de crianças e idosos, sendo que a brincadeira e/ou jogo se mostraram como possibilidade de mediação.

A interação entre idosos e crianças valoriza a memória e a experiência dos mais velhos, resgatando o conhecimento adquirido ao longo dos anos. Os jogos tradicionais revelaram-se como uma possibilidade de ponte entre as duas gerações, favorecendo a relação intergeracional. A experiência de transmissão permitiu a valorização da memória e valores dos idosos, como indivíduos ativos e transmissores de conhecimento.

O interesse das crianças pelos brinquedos ficou evidente, valorizando o conhecimento dos idosos que se sentiram prestigiados ao passarem as suas experiências, sendo que o convívio com os colegas e com as crianças foi motivador. Dessa forma, o idoso na condição de quem ensina demonstrou que ainda tem muito a oferecer para contribuir na formação cultural da criança. Observa-se que os idosos estão sendo percebidos como pessoas que tem muito para ensinar e aprender, demonstrando a necessidade de estar sempre em contato com novos conhecimentos e novas experiências.

Sugere-se aprofundamento nesse estudo nas questões socioeconômicas, pois percebemos diferenças de classe entre os dois grupos, o que pôde influenciar os resultados. Outro ponto a ser estudado é a questão familiar, pois se a intervenção fosse com os próprios netos dos idosos, talvez fossem observadas outras nuances sobre o tema.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. M., OSORIO, N. B., SINESIO NETO, L. **Avô – Neto**: uma relação de risco e afeto. Santa Maria: Biblos, 2008.

ANDRADE, E. R. **Velhice e educação física escolar**: uma possibilidade de diálogo intergeracional. Disponível em:
<<http://www.geppc.org.br/sites/default/files/uploads/evento/190/anais/gt5.pdf>>.
Acesso em: 8 set. 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
Bragada, J. **Jogos tradicionais e o desenvolvimento das capacidades motoras na escola**. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva, 2002.

CARVALHO A., Guimarães M. Desenvolvimento da criança de 0 a 6 anos: natureza e cultura em interação. *In*: CARVALHO, A.; SALLES, F.; GUIMARÃES, M. **Desenvolvimento e aprendizagem**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

CARVALHO. M. C. B. N. M. Relações Intergeracionais: alternativa para minimizar a exclusão social do idoso. **Revista Portal de Divulgação**, v. 3, n. 28, dez. 2012.

CASTRO, O. P. Envelhecer: um encontro inesperado? Sapucaí do Sul: Notadez, 2001.

DEPONTI, R. N.; ACOSTA, M. A. F. Compreensão dos idosos sobre os fatores que influenciam no envelhecimento saudável. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 33-52, 2010.

DRUMOND C. *et al.* Transição demográfica e atenção à saúde da pessoa idosa no âmbito da atenção primária à saúde: um estudo de revisão sobre o cenário brasileiro. **Revista APS**, v. 16, n. 3, p. 320-327, jul./set. 2013.

DUMAZEDIER, J. (1992). **Criação e transmissão dos saberes**. Tradução de Vera Ribeiro. *Revista Gerontologie et société*, n. 16, jul.

FERRIGNO J. C. **Co-educação entre gerações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

FRANÇA L. H. F. P.; SILVA, A. M. T. B.; BARRETO, M. S. L. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 519-531, 2010.

FRIEDMANN A. Jogos tradicionais. **Idéias**, FDE - São Paulo, v. 7, 1990.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA INFÂNCIA. **A Convenção sobre os Direitos da Criança**. Disponível em:
<http://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf>.

GOMES M. E. S BARBOSA E. F. A Técnica de Grupos Focais para Obtenção de Dados Qualitativos; Disponível em:
http://www.tecnologiaprojetos.com.br/banco_objetos/%7B9FEA090E-98E9-49D2-A638-6D3922787D19%7D_Tecnica%20de%20Grupos%20Focais%20pdf.pdf

GUSSO S. F. K.; Schuartz M. A. **A criança e o lúdico**: a importância do “brincar.” Disponível em: <<http://educere.pucpr.br/pt/publicacoes-anais-do-congresso.html>>. Acesso em: 8 set. 2015.

HARPER S. Papéis dos avós nas famílias multigeracionais dos nossos dias. *In*: POVOS e culturas: os avós como educadores. Lisboa: CEPCEP, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil, 2000**. 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/perfilidoso/perfidosos2000.pdf>>. Acesso em: 2015.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Rio de Janeiro, 2010.

KINSELLA, K. P. D. R. Global aging: the challenge of success. **Population Bulletin**, Washington, v. 60, n. 1, 2005.

MALAQUIAS M. S.; Ribeiro S. S. A importância do lúdico no processo de ensino-aprendizagem no desenvolvimento da infância. **Revista Psicólogo**, set. 2013. Disponível em: <<http://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/a-importancia-do-ludico-no-processo-de-ensino-aprendizagem-no-desenvolvimento-da-infancia>>. Acesso em: 2015.

MARANGONI J. F. C. **Meu tempo, seu tempo**: refletindo sobre as relações intergeracionais a partir de uma intervenção no contexto escolar. Brasília: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília, 2007.

MOTTA, A. B. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, maio/ago. 2010.

MULLER V. R. *et al.* O brincar das crianças: aproximação às culturas infantis. **Revista Digital**, Buenos Aires, v. 11, n. 104, ene. 2007.

NASRI, F. O envelhecimento populacional no Brasil. **Einstein**, v. 6, p. S4-S6, 2008, supl. 1.

NERI, A. L. **Palavras-chave em gerontologia**. Campinas, SP: Alínea, 2005.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Mundial da Saúde, 2005

PAPALIA, D.; OLDS, S. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEDRO J. G. O papel dos avós no século XXI. *In: POVOS e culturas: os avós como educadores*. Lisboa: CEPCEP, 2006.

PLANO de ação internacional sobre o envelhecimento, 2002. Tradução de Arlene Santos. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

PINHEIRO JUNIOR, G. Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2005.

PONTES F. A. R. Magalhães C. M. C. **A Transmissão da Cultura da Brincadeira: Algumas Possibilidades de Investigação**; *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2003, 16(1), pp. 117-124

RAMOS, A. C. **Meus Avós e Eu: As Relações Intergeracionais Entre Avós e Netos Na Perspectiva Da Criança**; Orientador: Johannes Doll; Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, Março de 2011.

RAMOS, M. C. A. L. Jogar e brincar: representando papéis, a criança constrói o próprio conhecimento e, conseqüentemente, sua própria personalidade. 2002. Disponível em: <<http://www.posuniasselvi.com.br/artigos/rev01-07.pdf>>. Acesso em: 2015.

RABINOVICH, E. P.; MOREIRA, L. V. C.; FRANCO, A. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicologia Social**, v. 24, n. 1, p. 139-149, 2012.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008

RODRIGUES L. M. **A criança e o brincar**. Mesquita: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2009.

SELLTIZ, C.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa das relações sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SANTOS, G. S.; GHELLER, R. G. Construção e validação de instrumentos para coleta. *In: MORETTI-PIRES, R. O.; SARAY, G. S. (org.) Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa aplicada a Educação Física*. 1.ed. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2012.

SILVA, C. A. *et al.* Percepções do homem idoso em relação às transformações decorrentes do processo do envelhecimento humano. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 12, p. 111-126, 2007.

SCHIFFL J.; SANTOS L. C. T.; **Jogos e Brincadeiras Tradicionais: Contrapontos Entre Tradição e Tecnologia** IN – O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANENSE. Vol 1, Secretaria de Estado da Educação, Paraná, 2012.

VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. Revista de Saúde Pública, v. 43, n. 3, p. 548-554, 2009.

VYGOTSKY, L. S. *et al.* **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 1998a.

ZAIA, L. L. A construção do real na criança: a função dos jogos e das brincadeiras. **Shème**, Revista Eletronica de Psicologia e Epistemologia Genéticas, v. 1, n. 1, jan./jun. 2008.

APÊNDICE A – GRUPO FOCAL CRIANÇAS

Questões para entrevista (crianças)

1. Quais as pessoas mais velhas ou de mais idade que você conhece?
2. Quem é (são) essa(s) pessoa (s)?
3. Onde vocês se encontram? Quando?
4. Você tem avós ou bisavós?
5. Você se encontra com seus avós?
6. Quando está com seus avós ou pessoas mais velhas você brinca com eles?
7. Eles já ensinaram alguma brincadeira para vocês?
8. Como foi? Gostou de aprender?
9. Contaram das suas brincadeiras quando criança? É muito diferente das suas?
10. Gostarias de brincar mais com essas pessoas? Por quê?

APÊNDICE B - ENTREVISTA IDOSOS

Questões para entrevista (idosos)

1. Você convive com crianças?
2. Quem é (são) essa(s) criança(s)?
3. Quando vocês se encontram? Onde?
4. Você tem netos ou bisnetos?
5. Você se encontra com seus netos ou bisnetos?
6. Quando está com crianças ou seus netos você brinca com eles?
7. Vocês já ensinaram alguma brincadeira para eles?
8. Como foi? Gostou de ensinar?
9. As brincadeiras das crianças hoje são diferentes ou iguais as de vocês?
10. Gostarias de brincar com essas pessoas? Por quê?

APÊNDICE C - GRUPO FOCAL CRIANÇAS

Questões Grupo Focal (crianças)

1. Quando vocês chegarem em casa, contaram algo sobre as brincadeiras com os idosos?
2. Vocês ensinaram alguma brincadeira que aprenderam para seus avós?
3. Do que vocês mais gostaram de brincar? Por quê?

APÊNDICE D - GRUPO FOCAL IDOSOS

Questões do grupo focal (idosos)

1. Como foi a experiência de transmissão com as crianças?
2. Quais eram suas expectativas e como foi?
3. Como se sentiram ao ensinar?
4. O que acharam dessas crianças em relação aos seus netos?
5. Acham que seria uma experiência similar com seus netos?
6. Como essa experiência poderia estar presente nas famílias e nas escolas?

APENDICE E – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa referente ao tema intergeracionalidade utilizando os jogos tradicionais como mediador

Pesquisador responsável: Maely Martini – Acadêmica do curso de Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientação: Prof. Dra. Andréa Kruger Gonçalves

O objetivo desse estudo é investigar os jogos tradicionais como possibilidade de convívio intergeracional, atuando como mediador entre crianças e pessoas idosas. Os instrumentos utilizados serão entrevista e grupo focal, os quais serão desenvolvidos antes e após uma intervenção com jogos tradicionais transmitidos por idosos para as crianças no ambiente da escola. Todo esse processo será gravado e posteriormente transcrito para a análise dos dados.

Os resultados obtidos serão utilizados na realização do trabalho de conclusão de curso da acadêmica Maely Martini, bem como na elaboração de artigos científicos e resumos, para serem apresentados em congressos e publicados em revistas, mas os participantes não serão identificados (direito de sigilo) e podem optar por desistir de participar a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Se o participante optar por desistir de participar do estudo, deverá entrar em contato com os pesquisadores, comunicando sua decisão. Não serão exigidas explicações sobre o motivo da desistência.

Esclarecimentos sobre o projeto podem ser solicitados para o pesquisador responsável, na Escola de Educação Física da UFRGS, ou pelo email mah.martini3@gmail.com.

Assim, assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse, e autorizando a utilização dos resultados obtidos durante o grupo focal para o desenvolvimento da pesquisa.

Porto Alegre, _____ de _____ de 201__.

Nome: _____

RG: _____

Assinatura: _____

Assinatura do pesquisador responsável:

Maely Martini

Andréa Kruger Gonçalves